

2

A Fantasia em Freud

As fantasias possuem **realidade psíquica**, em contraste com a **realidade material**, e gradualmente aprendemos a entender que, **no mundo das neuroses, a realidade psíquica é a realidade decisiva**

Sigmund Freud¹

2.1

A importância das fantasias no pensamento freudiano

Precisar o conceito de fantasia na obra freudiana não é tarefa simples, embora sua importância imponha-se naturalmente, uma vez que surge repetidas vezes e em momentos diferenciados ao longo de toda a teoria. O termo único utilizado pelo autor – *Fantasie* – é bastante abrangente, comportando várias significações: *fantasias conscientes, pré-conscientes, inconscientes, devaneios diurnos...* Sua definição, portanto, constitui-se como uma necessidade, imposta não apenas pelo estudo da doutrina psicanalítica, mas também pela clínica apoiada nesta.

Nos “*Estudos Sobre A Histeria*”² (1893-1895), ainda em plena vigência do método catártico, Freud e Breuer já evidenciavam a importância e a frequência da **fantasia** nos relatos das histéricas. Esse tipo de atividade mental ocorria muito frequentemente na histeria, não apenas nos estados de vigília, mas também na base de estados de ausência ou estados hipnóides.

Em 1986,³ Freud postula como premissa para os sintomas neuróticos, a sedução por parte de um adulto, numa época remota da infância. Esta teoria da sedução sexual foi o primeiro modelo construído a fim de explicitar a etiologia das neuroses. Tal modelo supõe sempre a existência de dois acontecimentos:

¹ FREUD, S., E.S.B.-1976, vol. XVI, Conferência XXIII (1917): “Os Caminhos da Formação dos Sintomas”, p. 430 (grifos originais).

² FREUD, S., E.S.B.-1976. Vol. II.

³ Para uma exposição mais detalhada verificar os seguintes textos freudianos: “Projeto para uma Psicologia Científica”(1895), “Novos Comentários Sobre As Neuropsicoses De Defesa”(1896), “A Etiologia Da Histeria”(1896) e “Meus pontos de Vista Sobre O Papel Desempenhado Pela Sexualidade Na Etiologia Das Neuroses ” (1906).

Numa primeira cena, a criança sofreria algum tipo de investida sexual por parte de um adulto, sem que isso despertasse nela, neste momento, alguma excitação. A criança na tenra infância não teria à sua disposição, condições somáticas e nem psíquicas para poder integrar as representações. De acordo com esse modelo a sexualidade irromperia de fora para dentro, penetrando no mundo infantil como um corpo estranho, uma marca mnêmica ainda não dotada de significação traumática.

No segundo momento, com a puberdade desencadeando o despertar fisiológico da sexualidade, é que tais lembranças poderiam ser significadas mediante alguns traços associativos. Apenas nesse segundo momento é que as lembranças evocadas poderiam ser experimentadas como desprazer. O caráter estranho e traumático, agora proviriam simultaneamente do exterior e do interior. Do exterior porque é do outro que a sexualidade chega ao sujeito e do interior porque é a partir da significação da lembrança da primeira cena, que o desprazer é liberado⁴. Este desprazer seria o responsável pela ativação do recalque, que, como processo de defesa, teria a função de manter a lembrança da sedução o mais afastada possível da consciência. Especialmente no caso da histeria, o afeto separado da representação intolerável por ação do recalque, se deslocaria para uma determinada parte do corpo, originando deste modo os sintomas conversivos.

Em 1897, as fantasias aparecem na teoria freudiana descritas como “*fachadas psíquicas*” construídas com a finalidade de obstruir o caminho às lembranças infantis. Nesta altura, Freud propõe para o caso da histeria, o trabalho de chegar às cenas primárias percorrendo um caminho indireto via fantasias.

“As fantasias servem ao mesmo tempo à tendência de refinar as lembranças, de sublimá-las. São feitas de coisas que são ouvidas e utilizadas subseqüentemente; assim elas combinam coisas que foram ouvidas e coisas que foram experimentadas; acontecimentos passados (da história dos pais e dos ancestrais) e coisas que a própria pessoa viu”.⁵

Na carta no. 61 a Fliess (2/5/1897), cujo Rascunho K seguiu em anexo, Freud novamente refere-se às fantasias como “... *coisas ouvidas porém compreendidas a posteriori...* . São estruturas de proteção, embelezamento dos

⁴ LAPLANCHE, J., e PONTALIS, J.-B., *Fantasia Originária, Fantasias das Origens, Origens da Fantasia*, 1988, p. 31.

⁵ FREUD, S., “Rascunho L” (2/5/1897), E.S.B.-1976, vol. I, p. 336.

fatos e servem ao mesmo tempo de auto-absolvição.”⁶ Alguns dias depois, descreve para o amigo e confidente, suas incursões para compreender o processo de construção das fantasias inconscientes. Diz ele:

“As fantasias são construídas por um processo de amálgama e distorção, análogo à decomposição química de um corpo que está combinado com outro.”⁷

A distorção que produz a fantasia, segundo o autor, consiste numa modificação da memória por fragmentação, num processo em que as relações cronológicas são postas de lado. Um fragmento de uma cena visual, junta-se depois a um fragmento de uma cena auditiva e é transformado numa fantasia.

Quando a intensidade da fantasia aumenta até um ponto em que forçosamente irromperia na consciência, o mecanismo do recalque é então acionado, surgindo daí o sintoma, mediante uma força que impele para trás não só a fantasia como também as lembranças constituintes. Nesse texto, além de explicitar como ocorre a construção das fantasias inconscientes, Freud indica serem elas precursoras dos sintomas.

2.2

Fantasias precursoras dos sintomas

Na “Carta nº 69 a Fliess (21/07/1897)”⁸, Freud relata ao amigo que abandonou a sedução, por parte do adulto, como fonte da neurose: “... *Não acredito mais em minha neurótica...*”. “...*O pai tinha que ser apontado como perverso...*”; “...*A perversão teria que ser incomensuravelmente mais freqüente do que a histeria...*”, concluiria ele, se realmente houvesse tantas seduções, como ouvira na sua clínica.

Freud descobre, através das análises de seus pacientes, que muitas das experiências infantis que deixaram marcas inconscientes como pontos de fixação, atraindo libido para si, não ocorreram na realidade. São, na verdade, fantasias ou pelo menos combinam verdade e adulteração em abundância. Ainda assim, essas estruturas são produtos que o sujeito criou para si mesmo buscando o prazer.

⁶ FREUD, S., “Carta 61” (2/5/1897), E.S.B.-1976, vol. I, p.334.

⁷ FREUD, S., “Rascunho M” (25/5/1897), E.S.B.-1976, Vol. I, p. 340.

⁸ FREUD, S., ESB-1976, vol. 1, p. 350.

O autor percebe, que no psiquismo não há indicações de realidade, de modo que não se consegue distinguir verdade e imaginação investida com afeto, permanecendo aberta a possibilidade de que as fantasias sexuais invariavelmente tenham como tema os pais. Freud chega deste modo a conceituar a “*realidade psíquica*”.

A realidade psíquica, fundamental no trabalho com a psicanálise, considera que seja proveniente de fantasias ou de fatos reais da vida do sujeito, o que importa é o que se apresenta no psiquismo; ficando a questão da veracidade do fato traumático em segundo plano. A fronteira entre realidade interior e realidade exterior, ao contrário de ser bem definida, apresenta grande mobilidade no psiquismo, conforme foi enfatizado, muito posteriormente, pelo próprio criador da teoria psicanalítica:

“A característica mais estranha dos processos inconscientes (recaçados), à qual nenhum pesquisador se pode acostumar sem o exercício de grande autodisciplina, deve-se ao seu inteiro desprezo pelo teste de realidade; eles equiparam a realidade do pensamento com a realidade externa e os desejos com sua realização – com o fato – tal como acontece automaticamente sob o domínio do antigo princípio do prazer. Daí também a dificuldade de distinguir fantasias inconscientes de lembranças que se tornaram inconscientes”.⁹

É a partir do abandono da gênese da neurose na sedução traumática, que a fantasia adquire um valor de maior destaque para a teoria psicanalítica. Freud conclui que o conflito patógeno pode desencadear-se a partir de uma fantasia inconsciente e ser trilhado então, um percurso no aparelho psíquico em direção ao sintoma neurótico.

As fantasias revelaram-se a Freud como ficções destinadas a encobrir a sexualidade infantil, mas nem por isso podem ser ditas simplesmente falsidades, já que têm efeitos inegáveis quanto à formação dos sintomas e, em geral, na vida mental dos pacientes. Com o abandono da teoria da sedução, Freud certamente modifica sua forma de trabalhar, mas sua crença arraigada no acontecimento primordial, permanece em certa medida, até o final da obra. Convém citar as palavras de Mezan referentes a essa questão:

“Basta ler o ‘Homem dos Lobos’ para ver com que afincamento ele se atira à reconstrução deste evento fundador que é a cena do coito dos pais, definindo-o em todos os detalhes, da posição dos parceiros à hora em que se teria verificado... O

⁹ FREUD, S., “Formulações Sobre Os Dois Princípios Do Funcionamento Mental” (1911), ESB-1976, vol.XII, p. 285.

mito de ‘Totem e Tabu’ serve a mesma finalidade, e a crença de Freud em sua realidade material é inabalável, como o atesta a retomada dos mesmos argumentos em ‘Moisés e o Monoteísmo’ ”.¹⁰

A busca do acontecimento primordial, segundo Mezan, conduz a um impasse, pois *a origem se furta sempre e só pode ser pensada sob a forma de mito ou fantasia*; por outro lado, nem todas as cenas evocadas no tratamento são fruto de fantasias. Quando Freud defende obstinadamente a realidade da cena primitiva, como no texto de 1914¹¹, não deixa de fazer a ressalva, que nem sempre é possível a verificação, se de fato ela ocorreu ou não.

Para sair do impasse, segundo Mezan¹², ele recorre à filogênese, à noção de **protofantasias** ou **fantasias originárias** - *Urphantasiën* - em 1917¹³.

“Acredito que essas fantasias primitivas ... constituem um acervo filogenético. Nelas, o indivíduo se contacta, além de sua própria experiência, com a experiência primeva naqueles pontos nos quais sua própria experiência foi demasiado rudimentar. Parece-me bem possível que todas as coisas que nos são relatadas hoje em dia, na análise, como fantasia – sedução por um adulto, surgimento de excitação sexual por observar o coito dos pais, ameaça de castração (ou então a própria castração) – foram em determinada época ocorrências reais dos tempos primitivos da família humana, e que a criança, em suas fantasias, simplesmente preenche os claros da verdade individual com a verdade pré-histórica”¹⁴

Em sua clínica, o pai da teoria psicanalítica, percebeu a existência destas fantasias inconscientes que aparecem invariavelmente nas análises, em todos os tipos de pessoas: **observação do coito dos pais - sedução por um adulto - ameaça de castração**. Ele assim as denominou, por seu conteúdo, reportar-se às origens. As **protofantasias** tratam da origem do sujeito, da sexualidade e da diferença entre os sexos, trazendo em si portanto, um valor estruturante, organizador. Freud se pergunta pela razão da necessidade deste tipo de fantasias: por que elas se apresentam para todo sujeito? Conclui que não há dúvida de que as fontes são as pulsões.

¹⁰ MEZAN, R., “Realidade Psíquica e Realidade Material” in *Freud, Pensador da Cultura*, p. 405.

¹¹ FREUD, S., “História de Uma Neurose Infantil” (1914), E.S.B.-1976, Vol. XVII.

¹² MEZAN, R., “Realidade Psíquica e Realidade Material” in *Freud, Pensador da Cultura*, p. 405.

¹³ FREUD, S., “Conferências Introdutórias Sobre Psicanálise” - Conferência XXIII (1917): “Os Caminhos da Formação dos Sintomas”, ESB-1976, Vol. XVI, p.419.

¹⁴ FREUD, S., Conferência XXIII- “Os Caminhos Da Formação Dos Sintomas” (1917), ESB-1976, vol. XVI, p.433

À semelhança dos mitos, as fantasias proporcionam uma “solução” para os enigmas com que a criança se depara. Elas dramatizam o que se apresenta como uma realidade de natureza tal, que exige uma explicação.

Laplanche e Pontalis em 1985, referindo-se ao recurso da filogênese, reconhecem em Freud a necessidade de postular uma anterioridade de uma organização significativa em relação à eficácia do evento e do conjunto do significado. “*A pré-história mítica da espécie apontada por Freud, indica uma pré-estrutura inacessível ao sujeito que escapa às suas possibilidades de apreensão...*”.¹⁵ Ou seja, mediante a construção deste tipo de fantasias, a criança cria condições para significar determinadas situações que jamais deixam de se apresentar como enigmáticas para todo sujeito.

2.3

Fantasias como realizações de desejo

Em 1900¹⁶, Freud sustenta como premissa que o sonho, na verdade, é uma mensagem cifrada (chegando a compará-lo à escrita hieroglífica), preconizando então ser possível atingir seu sentido através da interpretação. A interpretação ou decifração através da psicanálise, acaba por revelar os “*pensamentos oníricos*”, que são idênticos aos pensamentos da vida de vigília, mas que se tornaram inconscientes porque foram atraídos por um desejo inconsciente.

Na teoria freudiana, os desejos inconscientes originários da infância permanecem ativos na vida posterior, no entanto, precisam ser articulados aos pensamentos de vigília (dependem dessa conexão com eles) para poderem exercer seus efeitos no sonho. Essa transferência para o atual, é absolutamente necessária para que o desejo inconsciente possa provocar a formação do sonho além de ser, de forma mais ampla, a condição necessária para qualquer forma de expressão ou eficácia desses desejos, que são as **formações de compromisso** ou “*formações do inconsciente*”, como as chamou Lacan.

Ana Rudge, muito nos auxilia na análise desta questão, desenvolvida por Freud nos capítulos VI e VII da “*Interpretação dos Sonhos*”:

¹⁵ LAPLANCHE, J., e PONTALIS, J.-B., “Fantasia Originária, Fantasias das Origens, Origens da Fantasia”(1985), 1988, p. 55.

¹⁶ FREUD, S., “A Interpretação dos Sonhos”, E.S.B.-1976, Vols. IV e V.

“A formação dos sonhos requer a utilização de pensamentos oníricos pertencentes ao pré-consciente, aos quais o desejo terá que se articular, mas a força responsável por sua produção é um desejo do sistema inconsciente. Essa idéia é ilustrada com a sugestiva e conhecida metáfora que designa o desejo inconsciente como “o capitalista do sonho” por ser aquele que provê a quantidade, a energia psíquica indispensável à sua formação”.¹⁷

Continuando com Rudge em sua teorização, o papel do “empresário”, o outro parceiro da metáfora freudiana, caberia ao resto diurno; papel esse sem dúvida importante, que possibilita a veiculação do desejo inconsciente. Freud entretanto, privilegia neste momento, os desejos inconscientes infantis, como o motor da formação dos sonhos.

Neste texto de 1900, o autor confirma serem as fantasias as precursoras imediatas dos sintomas histéricos ou de, pelo menos, grande número deles. Freud equipara a estrutura da fantasia à estrutura do sonho:

“As fantasias como os sonhos, também são realizações de desejos, também se beneficiam de certo relaxamento da censura. Se examinarmos sua estrutura, perceberemos a forma pela qual a finalidade impregnada de desejo, que atua em sua produção, misturou o material do qual foram construídas ; reformulou-o e o constituiu num novo todo”¹⁸

As fantasias, tanto conscientes como pré-conscientes ou inconscientes, assim como quaisquer materiais introduzidos no sonho, também estão sujeitas aos processos de condensação e deslocamento.

Em 1906¹⁹, Freud equipara a fantasia com o drama vivido no teatro:

“Podemos descrever esta finalidade [do drama]... afirmando que se trata de proporcionar fontes de prazer ou de fruição em nossa vida emocional, da mesma forma que, como no caso da atividade intelectual, as anedotas ou brincadeiras abrem fontes semelhantes... muitas das quais aquela atividade tornava inacessível”²⁰.

O autor aproxima o espectador do drama teatral à criança que brinca, desenvolvendo a idéia de que, tanto num caso como no outro, “*o fator primordial é inquestionavelmente o processo de nos livrarmos de nossas próprias emoções, descarregando, e a conseqüente fruição corresponde, por um lado, ao alívio*

¹⁷ RUDGE, A. M., in “As fantasias oníricas, para que servem?”, in *Psyché*, 1999.

¹⁸ FREUD, S., ESB-1976, Vol. V, p. 526.

¹⁹ FREUD, S., “Personagens Psicopáticos No Palco”, ESB-1976, vol. VII, p. 289.

²⁰ Op. Cit., p.321.

produzido por uma descarga completa e, por outro, a uma excitação sexual que se apresenta”²¹.

O teatro, na visão freudiana, ao explorar as possibilidades emocionais acaba proporcionando prazer à platéia, mesmo diante de situações de infortúnio e sofrimento para os personagens. A equivalência estabelecida por Freud em sua obra, entre o teatro, o brincar infantil e a fantasia segue além deste texto.

Em 1907²², numa conferência dirigida a uma platéia em torno de noventa pessoas, o autor retoma a aproximação entre a fantasia e a brincadeira das crianças. Segundo ele, a criança quando brinca cria um mundo próprio ou, dito de outro modo, reajusta os elementos de seu mundo, de modo a poder satisfazer seus desejos. O poeta faz o mesmo, ou seja, cria um mundo de fantasias, que é tratado com muita seriedade, e no qual investe muita emoção, apesar de manter uma nítida separação entre sua criação e a realidade.

Freud nos indica que a própria linguagem preservou essa relação entre o brincar infantil e a criação poética, pois na língua alemã, algumas palavras literalmente relacionam-se aos jogos e brincadeiras infantis²³, como por ex:

Spiel = jogo; tradução literal = formas literárias ligadas a objetos tangíveis e que podem ser representados.

Lustspiel = comédia; tradução literal = jogo de prazer.

Trauerspiel = tragédia; tradução literal = jogo de duelo.

Schauspieler = atores dramáticos; tradução literal = “o que joga no espetáculo”.

O autor considera o brincar como um trabalho psíquico onde o conteúdo essencial é a realização imaginária de um desejo, implicando em um grande dispêndio de energia, tarefa esta levada muito a sério pela criança autora da brincadeira e muito importante para seu desenvolvimento. Ao crescer, as pessoas param de brincar parecendo renunciar ao prazer que obtinham desta atividade, mas na verdade o que parece ser uma renúncia, é a formação de um substituto - a fantasia -; pois, segundo Freud, “*nunca renunciamos a nada, apenas trocamos uma coisa por outra*”.²⁴

Freud coloca a fantasia como herdeira do jogo infantil:

²¹ Ibid..

²² FREUD, S., in “Escritores Criativos E Devaneio”, E.S.B.-1976, Vol. IX.

²³ Na Amorrortu Ed. S.A. –1979, Vol. IX, p. 128.

“A criança em desenvolvimento, quando para de brincar, apenas abdica do elo com os objetos reais; em vez de **brincar** ela agora **fantasia**. Constrói castelos no ar e cria o que chamamos **devaneios**”.²⁵

As fantasias são mais difíceis de serem observadas do que a brincadeira infantil, uma vez que o adulto, em geral, envergonha-se delas, acalentando-as como um bem muito íntimo. As fantasias dos adultos contêm elementos vividos como culpáveis, motivo pelo qual são reprimidas com energia, enquanto a criança, por outro lado, normalmente não oculta sua brincadeira.

O brincar da criança, é determinado pelo desejo de ser grande e adulto, por isso imita nas suas brincadeiras, o que conhece da vida dos mais velhos. Espera-se do adulto, por outro lado, que não continue a brincar, mas que atue no mundo real, onde normalmente envergonha-se de suas fantasias, por serem estas infantis e proibidas. Foi porém a partir do trabalho com os adultos neuróticos, que a psicanálise adquiriu conhecimento sobre as fantasias, pois estes foram obrigados a revelá-las ao médico, por quem esperavam ser curados através do tratamento.

As fantasias variam de acordo com as significações que o sujeito vai construindo ao longo da vida. Freud, neste trabalho, esclarece a relação entre a fantasia e o tempo:

“... É como se ela flutuasse em três tempos... O trabalho mental vincula-se a uma impressão atual, a alguma ocasião motivadora no presente que foi capaz de despertar um dos desejos principais do sujeito. Dali retrocede à lembrança de uma experiência anterior (geralmente da infância) na qual esse desejo foi realizado, criando uma situação referente ao futuro que representa a realização do desejo. O que se cria então é um **devaneio** ou **fantasia**, que encerra traços de sua origem a partir da ocasião que o provocou e a partir da lembrança. Dessa forma o passado, presente e o futuro são entrelaçados pelo fio do desejo que os une”.²⁶

Freud decide pensar o processo criativo do poeta ou romancista, relacionando-o com o trabalho psíquico envolvido, partindo, porém, do que vinha elaborando sobre as fantasias.

“Uma poderosa experiência no presente desperta no escritor criativo uma lembrança de uma experiência anterior (geralmente de sua infância), da qual se

²⁴ Op. Cit., p. 151.

²⁵ Op. Cit., p. 151 (Grifos Originais).

²⁶ FREUD, S., “Escritores Criativos e Devaneio” (1907), E.S.B.-1976, vol.IX, p. 153, (Grifos Meus).

origina então um desejo que encontra realização na obra criativa. A própria obra revela elementos da ocasião motivadora do presente e da lembrança antiga”.²⁷

Referindo-se a esta explicação, Freud *afirma ser a obra literária, tal como o devaneio, uma combinação ou substituto do que foi o brincar infantil*”.²⁸

O adulto costuma ocultar cuidadosamente suas fantasias, porque sente ter razões para se envergonhar delas; mesmo que as comunicasse, seu relato provavelmente nos causaria repulsa. No caso do poeta, porém, ao revelar-nos o que julgamos ser suas próprias fantasias, incita-nos um grande prazer.

Se a escolha do material literário pelo escritor origina-se de suas fantasias e, em última instância, de seus desejos infantis, o que tornaria a obra literária fonte de grande prazer para seus leitores? Freud nos indica que o conteúdo “repelente” das fantasias do autor criativo é submetido a um processo tal, que o torna capaz de provocar-nos um intenso prazer:

“A verdadeira **ars poetica** está na técnica de superar nosso sentimento de repugnância, relacionado sem dúvida às barreiras que separam cada ego dos demais”. “... O escritor mitiga o caráter egoísta de seus devaneios, mediante alterações e disfarces e nos suborna com o prazer puramente formal, ou seja, estético, que nos proporciona a exposição de suas fantasias.”²⁹

Freud equipara esse mecanismo que transforma os conteúdos “repelentes” das fantasias dos autores criativos em prazer, com a teoria do “*prazer preliminar*” e do “*prêmio de estímulo*”, indicada pelo próprio autor na sua psicogênese dos chistes (1905). A principal característica da elaboração do chiste é a de liberar prazer pelo descarte das inibições. A teoria do “*prazer preliminar*” indica que, utilizando o prazer originário dos chistes, como prazer preliminar, pode-se produzir um novo prazer, suspendendo as supressões e recalques, liberando o *nonsense*.³⁰

O prazer preliminar, portanto, sob a forma da obra ficcional, serve como detonador para o prazer derivado do alívio das tensões pulsionais recalçadas, operado a partir da identificação do leitor com as fantasias contidas no texto. Vale reproduzir as palavras de Mezan, relativas a essa questão freudiana:

²⁷ FREUD, S., “Escritores Criativos e Devaneio” (1907), E.S.B.-1976, vol.IX, p. 156.

²⁸ FREUD, S., “Escritores Criativos e Devaneio” (1907), E.S.B.-1976, vol.IX, p. 157.

²⁹ FREUD, S., “Escritores Criativos e Devaneios”(1907), E.S.B.-1976, Vol.IX, p. 158, (Grifos Originais).

³⁰ FREUD, S., “O Mecanismo do Prazer e a Psicogênese dos Chistes” (1905), E.S.B.-1976, Vol.VIII, p. 160-161.

“A metapsicologia da fruição revela assim que o prazer nasce em primeiro lugar da forma engenhosa com que é mascarada a fantasia; mas sua fonte mais profunda reside, exatamente como no caso da frase de espírito, em que o conteúdo de tal fantasia é captado inconscientemente, o que produz a liberação do prazer por meio da remoção das repressões até então vigentes sobre as fantasias correspondentes do leitor”.³¹

Em 1908³², Freud refere-se novamente às fantasias como realizações de intensos desejos originários de experiências passadas. O autor demonstra neste artigo, mais uma vez, como essas estruturas relacionam-se com os sintomas; o ataque histérico, através da clínica, revelou-se a ele como a irrupção involuntária de tais fantasias. As fantasias históricas tanto podem ser inconscientes como conscientes, mas quando estas se tornam inconscientes, podem se tornar patogênicas e serem expressas através dos sintomas neuróticos.

Freud estende-se, neste momento, na explanação das fantasias inconscientes e afirma que elas têm conexões importantes com a vida sexual do sujeito. Chega a afirmar que, em geral, a fantasia inconsciente é idêntica à fantasia infantil que serviu para satisfação sexual no período primitivo do auto-erotismo. Mais tarde, o sujeito tende a abandonar esse tipo de satisfação, mas se não obtém outros meios de satisfação sexual, ficando abstinente, nem tampouco consegue sublimar sua libido, está pronta a condição para que sua fantasia inconsciente reviva, desenvolva-se com todo o vigor, chegando em última instância à forma do sintoma. No caso de uma neurose desenvolvida e persistente há algum tempo, um determinado sintoma pode corresponder à várias fantasias inconscientes.

Em 1914, no “Homem dos Lobos”, Freud continua aproximando as fantasias dos sonhos:

“... Pelo que se podia compreender deles [sonhos], diziam respeito a ações agressivas por parte do menino contra a sua irmã ou contra a governanta, com enérgicas reprovações e castigos por causa dessas ações... Esses sonhos davam a impressão de operar sempre sobre o mesmo material em diferentes formas, a leitura correta dessas reminiscências ostensivas tornou-se segura: só podia ser uma questão de fantasias que o paciente havia elaborado sobre a sua infância, numa ou noutra época, provavelmente na puberdade, e que agora vinham outra vez à superfície sob forma irreconhecível”.³³

³¹ MEZAN, R., “As três Fontes Da Psicanálise” in *Freud, Pensador Da Cultura* (1985), cap.2, p. 231.

³² FREUD, S., “Fantasias Históricas E Sua Relação Com A Bissexualidade”, E.S.B.-1976, vol. IX.

³³ FREUD, S., “História de Uma Neurose Infantil” (1914), E.S.B.-1976, vol. XVII, p. 33-34.

Neste texto, ao relatar o caso trabalhado, Freud defende com perseverança a realidade da cena primitiva, o que terminou provocando importantes críticas por parte de Jung e Adler, de acordo com suas próprias palavras: “*Este caso clínico foi escrito logo após a conclusão do tratamento, no inverno de 1914-15. Nessa época eu estava ainda sob a impressão recente das **reinterpretações torcidas** que C. G. Jung e Alfred Adler se empenhavam para dar às descobertas da psicanálise*”.³⁴ Enquanto de início a importância da pulsão sexual era rechaçada pelos críticos da psicanálise, esses novos adversários reconheciam o valor das conclusões analíticas, porém discordavam da especificidade da sexualidade infantil. Esta referência freudiana, segundo Mezan, se aplica sobretudo a Jung:

“[Jung]... considerava as cenas infantis evocadas durante o tratamento, que segundo Freud teriam sido realmente vividas durante os primeiros anos de vida do paciente, como frutos da elaboração fantasmática, projetada então para os tempos remotos da infância. Isto seria realizado por meio do que denomina **Zurückphantasieren**, ou fantasiar retroativo”.³⁵

As objeções de Jung, ainda segundo Mezan, seguem fielmente a doutrina freudiana onde a noção de “lembança encobridora” (1898) serve de exemplo para o modo como as experiências passadas são reelaboradas ou mesmo reinventadas nas fantasias. Torna-se, portanto, extremamente difícil, se não impossível, discernir entre realidade e fantasia e talvez seja por isso que Freud tenha retornado a esta questão em 1914, na tentativa de preservar ao mesmo tempo a sexualidade infantil e o poder de reelaboração dos conteúdos psíquicos inerentes à fantasia.

Em 1915, Freud retorna à questão das fantasias inconscientes, considerando-as como etapas preliminares tanto dos sonhos como dos sintomas neuróticos, conforme já o havia explicitado em textos anteriores. Diz ele:

“São estruturas altamente organizadas, que não contém contradições em si, mas que se assemelham com as características do sistema consciente; por outro lado podem ser inconscientes e incapazes de tornarem-se conscientes. Apesar do seu alto grau de organização essas fantasias permanecem recalçadas, o que as impede de tornarem-se conscientes”.³⁶

“Essas fantasias aproximam-se da consciência (provavelmente no pré-consciente) e ficam aí até que um investimento libidinal intenso as atinja. Quando uma fantasia

³⁴ Op. Cit., “Observações Introdutórias” - Nota de Rodapé, p. 19 (grifo meu).

³⁵ MEZAN, R., *Freud, Pensador Da cultura*, p. 403.

³⁶ FREUD, S., “O Inconsciente”, E.S.B.-1976, Vol. XIV, p. 218.

desse tipo é altamente catexizada, até um certo grau que a faria irromper na consciência, ela é lançada para trás por ação do Ego”.³⁷

Nesse texto, Freud parece não ter como preocupação primeira a distinção entre fantasias conscientes, pré-conscientes ou inconscientes, mas sim apontar um conteúdo comum entre elas: a satisfação de desejo. Ele nos remete à idéia da comunicação entre os sistemas psíquicos e nos aponta os efeitos que as fantasias provocam no aparelho.

Em 1917³⁸, Freud esclarece ainda mais a relação das fantasias com o sintoma neurótico, a saber: os sintomas neuróticos são resultantes de um conflito que se estabelece no aparelho psíquico, estando em jogo uma nova maneira da libido obter satisfação. A libido insatisfeita, repelida pela realidade intransigente, procura outras vias de satisfação, caso não consiga encontrar um objeto substituto ou a via da sublimação. Essa libido insatisfeita tende a deixar o ego e fugir de suas leis, que regulam a consciência, o acesso à inervação motora e, portanto à própria descarga.

O caminho que a libido toma é um curso regressivo em direção aos objetos internos ou às fantasias inconscientes, que já haviam sido abandonadas. O impulso libidinal relembra “épocas anteriores e melhores”. Nessa regressão, a libido é atraída para pontos de fixação que ficaram ao longo do desenvolvimento, marcas que ficaram no inconsciente e retiveram uma quantidade de libido, como resultado de experiências passadas, das quais o ego já havia se protegido através do recalque. Durante esse percurso regressivo, a libido recatexiza esses pontos de fixação até certo grau de intensidade, o que acaba por provocar no ego, novamente, o processo de recalque secundário.

Eis o conflito patogênico: é a luta de duas forças, ou seja, um impulso inconsciente que sofreu um incremento libidinal e, portanto aspira à satisfação e uma força oposta, que vem do ego e funciona como um contra-investimento. A partir deste ponto, se a objeção por parte do ego for desenvolvida, este não permitirá a satisfação direta, mas apenas a via do sintoma. Em suma, se não houver objeção por parte do ego, não haverá neurose e, nesse caso, a libido chegará a alguma satisfação real. Se há, por outro lado, veto do ego, este impede a

³⁷ FREUD, S., “O Inconsciente”, E.S.B.-1976, Vol. XIV, p. 219.

³⁸ FREUD, S., “Conferências Introdutórias Sobre Psicanálise”- parte III, E.S.B.-1976, Vol. XVI, Conferência XXIII: “Os Caminhos da Formação dos Sintomas”, p. 419.

descarga libidinal direta e a libido então procura uma forma de expressão disfarçada.

O sintoma assim, aparece como um derivado “distorcido” da realização de desejo inconsciente com a função de conciliar forças mutuamente contraditórias: atende ao ego mas também não deixa de responder ao id. Se o sintoma causa desprazer e sofrimento por um lado, consegue obter uma certa satisfação pulsional (escoamento de libido) por outro, embora essa satisfação seja restrita e mal reconhecida pelo sujeito como tal. Portanto, o sintoma é produto de uma formação de compromisso, tendo a libido seguido um caminho indireto via inconsciente e, finalmente, chegado à descarga real.

Freud reitera que a retração da libido para a fantasia é um estágio intermediário no caminho da formação dos sintomas. A neurose vai depender da dimensão que o veto do ego assume e da excessiva quantidade de libido, ou seja, de uma intensidade suficiente para que o conflito irrompa. A cota de libido represada que uma pessoa é capaz de suportar e também o quanto de libido a pessoa é capaz de desviar dos fins sexuais para o fim sublimado, é o que está em questão neste texto de 1917³⁹

2.4

A fantasia como resíduo do irredutível

Freud, em 1919⁴⁰, se detém no estudo de uma fantasia especial que, segundo suas observações, permanece à parte da estrutura da neurose e está na raiz de todas as relações estabelecidas pelo homem.

“*Nada mais sei sobre isso: estão espancando uma criança*”⁴¹, era o que ouvia em sua clínica a respeito dessa fantasia freqüente no relato dos neuróticos.

Freud parte então para analisar esse tipo de fantasia em seis casos clínicos (quatro femininos e dois masculinos), estendendo-se mais nos casos femininos.

³⁹ FREUD, S., Conferência XXIII- “Os Caminhos da Formação dos Sintomas” (1917), E.S.B.-1976, vol. XVI, p.419.

⁴⁰ FREUD, S., “Uma Criança É Espancada – Uma Contribuição Ao Estudo Da Origem Das Perversões Sexuais” (1919), E.S.B.-1976, Vol. XVII.

⁴¹ Op. Cit, p.227.

Ele afirma que o início da fantasia deve pertencer a um período preliminar da infância e que, provavelmente, ela sofreu um processo de desenvolvimento e restou como um resíduo. Indica-nos que essa fantasia está ligada a sentimentos de prazer, especialmente a uma satisfação masturbatória, e é confessada com muita hesitação, pois provoca sentimentos de culpa e vergonha.

O autor da fantasia não se reconhece de início na cena (não está apanhando e nem batendo). A pessoa que bate, apesar de não ser reconhecida de início, é um adulto. Com o aprofundamento da investigação, segundo a experiência freudiana, esse adulto aparece geralmente como sendo o pai da menina.

Em sua análise Freud divide a fantasia em três fases:

1ª - A fantasia seria ***“meu pai bate numa criança que eu odeio”***. Freud chega a cogitar se nessa primeira fase, ela não resultaria de recordações de eventos que a criança teria testemunhado ou desejos que foram despertados nela em várias ocasiões.

2ª - Nessa fase a fantasia é transformada em ***“sou espancado pelo meu pai”*** e é acompanhada de um prazer intenso de ordem masoquista. O autor diz que esta é a fase mais importante e significativa da fantasia. Na maioria dos casos, jamais teve existência real. Nunca é lembrada e jamais conseguiu tornar-se consciente. ***“É uma fantasia que deve ser construída em análise, mas, nem por isso, é menos uma necessidade”***⁴², afirma ele.

3ª - Fase: ***“provavelmente estou olhando; várias crianças, geralmente meninos na fantasia feminina, estão apanhando”***.⁴³ A identidade de quem bate não é mais o pai: é um substituto do pai, tal como um professor ou sua identidade é indeterminada. Essa fase é acompanhada de uma forte excitação sexual e é um modo de satisfação masturbatória.

As crianças logo percebem que “o apanhar” significa uma privação de amor e uma humilhação. A criança, na sua onipotência imaginária, comumente acredita-se entronada na inabalável afeição dos pais portanto, a idéia do pai batendo numa criança odiada (1ª fase da fantasia) é agradável, independente da cena ter sido vista ou não. Essa idéia significa “meu pai não ama essa outra criança; ele ama

⁴² FREUD, S., “Uma Criança É Espancada – Uma Contribuição Ao Estudo Da Origem Das Perversões Sexuais”, E.S.B.-1976, vol. XVII, p. 232.

⁴³ Op. Cit., p. 233.

apenas a mim”. Podemos perceber que essa fantasia que gratifica o ciúme da criança, tem um lado erótico, mas também comporta um traço sádico.

Neste período do desenvolvimento libidinal, o amor incestuoso escolhe prematuramente um objeto. O desejo de obter uma criança do pai é constante nas meninas, embora elas não saibam como realizar esse desejo. A criança parece estar convencida de que os genitais têm algo a ver com isso e, nesse período, criam conjecturas a esse respeito: são as teorias sexuais infantis. Esses desejos libidinais em relação ao pai parecem uma premonição do que mais tarde serão os objetivos sexuais adultos.

Na altura da fase fálica, os genitais já começaram a desempenhar seu papel no processo de excitação, mas *“chega a época em que esse florescimento prematuro é estragado pela geada. Nenhum desses amores incestuosos pode evitar o destino do recalque”*⁴⁴, nos aponta Freud. A partir daí, com o recalque em curso, esses impulsos libidinais incestuosos são expulsos da consciência, resultando num sentimento de culpa. O amor ao pai sucumbe ao recalque e toda representação psíquica do amor incestuoso torna-se inconsciente. A libido regride para um período anterior, anal-sádico, e o “meu pai me ama” que expressava um sentido genital, devido ao recalque, transforma-se em “meu pai me bate”.

A fantasia de “ser espancado”, segundo Freud, é uma mistura de sentimento de culpa com amor sexual:

“Não é apenas o castigo pela relação genital proibida, mas também o substituto regressivo daquela relação, e dessa última fonte deriva a excitação libidinal que se liga à fantasia a partir de então, e que encontra escoamento em atos masturbatórios. Aqui temos pela primeira vez a essência do masoquismo”.⁴⁵

Nessa segunda fase, a fantasia “de apanhar do pai” tornou-se masoquista. Ela permanece inconsciente, provavelmente em consequência da intensidade do recalque.

Na terceira fase, que é a forma final da fantasia, a criança aparece como um espectador da cena, e o pai surge sob a forma de um professor ou qualquer figura representante de autoridade. A forma permanece sádica, mas a satisfação é masoquista. O significado dessa terceira fase, na teoria freudiana, é que esta parte

⁴⁴ FREUD, S., “Uma Criança É Espancada”, E.S.B.-1976, Vol. XVII, p. 235.

da fantasia assumiu a catexia libidinal da parte recalçada (“meu pai me bate”) juntamente com o sentimento de culpa. As crianças que estão sendo espancadas são substitutos da própria criança e o fato de serem meninos os que apanham indica-nos o protesto viril feminino.

Freud delimita uma tripla ação do recalque, a saber:

- Torna inconscientes as conseqüências da organização genital infantil.
- Obriga essa organização a regredir ao estágio anterior anal-sádico.
- Transforma o sadismo em masoquismo.

O sentimento de culpa opõe-se tanto ao sadismo quanto à escolha objetual incestuosa. Esse sentimento de culpa parece ser semelhante à uma cicatriz e na estrutura do ego instala-se como uma consciência crítica. Mais tarde, em 1923⁴⁶, Freud irá denominá-la **Super-Ego**.

Nesse artigo, o autor ressalta mais uma vez o papel relevante do Complexo de Édipo: “*É o complexo nuclear das neuroses*”.⁴⁷ A sexualidade infantil, que é reprimida no processo de recalçamento, atua como uma força motivadora na formação dos sintomas.

Podemos inferir da explanação freudiana que, dentre as várias conseqüências do complexo de Édipo, uma delas é o mascaramento da fantasia fundamental. Nesta fantasia, o sujeito está sempre numa atitude de submissão em relação a um genitor e, além disso, sempre há por trás da fantasia um conteúdo sexual referente a esse genitor. O recalque atua no sentido de retirar da consciência tanto o aspecto libidinal, como a fantasia em si.

Se por um lado, a fantasia parece a princípio um meio de obter prazer, dado seu caráter imaginário e particular, por outro aponta sempre para uma falta e não deixa de falar do desamparo e da dor.

O caráter masoquista da fantasia fundamental predomina e o princípio do prazer aqui também não vigora, como viria nos revelar Freud mais tarde, em 1920⁴⁸. A fantasia, em vez de ser pensada como tamponamento, sujeita à interpretação e podendo ser revelada, aparece carregando em sua estrutura a marca da pulsão de morte, do irreduzível, do que resta fora de uma articulação possível. Isso implica em uma mudança na direção do tratamento. Se,

⁴⁵ FREUD, S., “Uma Criança É Espancada”, E.S.B.-1976, Vol. XVII, p. 237 (grifos originais).

⁴⁶ FREUD, S., “O Ego e o Id”, E.S.B.-1976, vol. XIX.

⁴⁷ FREUD, S., “Uma Criança É Espancada”, E.S.B.-1976, Vol. XVII, p. 241.

inicialmente, a fantasia inconsciente estava na causa do sintoma, a orientação clínica decorrente dessa teorização consistia em torná-la consciente, procurando assim remover o sintoma.

Com a fantasia de espancamento, em 1919, e com a torção de 1920, trata-se de um outro tempo da clínica freudiana. É o tempo da construção de uma fantasia fundamental na análise e, através dessa construção, da aproximação com o real; esse real que é impossível de dizer. Como sugere Vidal: “... *produz-se uma passagem do acontecimento traumático real ao real indizível do trauma*”.⁴⁹

⁴⁸FREUD, S., “Além do Princípio do Prazer” (1920), E.S.B. -1976, vol. XVIII.

⁴⁹ VIDAL, E., “A Construção do Fantasma”, in *1,2,3,4, número, transferência, fantasma, direção da cura*, p. 99.